

Inclusão: um caminho possível

Eliana Nardelli de Camargo¹

Este capítulo objetiva apresentar um episódio real de inclusão em escola da rede pública estadual de São Paulo. A divulgação da experiência adquire especial relevância pelo fato de que, embora a inclusão seja uma realidade, ainda se discute a sua oportunidade, face às reais dificuldades que ela carrega consigo.

- Aqui ninguém entra! Aqui ninguém entra!

O motorista do ônibus fechou a porta e os perseguidos ficaram lá dentro. Quando os invasores desapareceram, estranhando a coragem e os urros do professor, escoltamos os assustadíssimos jovens que haviam permanecido no ônibus até a escola. Lá estavam em segurança.

A escola em questão estava encerrando o Ensino Fundamental gradativamente. A cada ano, uma série era extinta, pela falta de demanda. Meu ingresso na direção dessa escola ocorreu em 1998, quando foram extintas todas as classes do que seria hoje o oitavo ano. Em 1999, foi a vez das classes de nono ano, até que em 2000, a escola passou a oferecer somente o Ensino Médio. Este era o meu ideal, posto que na ocasião encaminhar um desenvolvimento diferenciado do currículo para o Ensino Médio parecia mais desafiador e eu tinha muitas propostas para a comunidade escolar.

Licenciada em Língua e Literatura Portuguesas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1977), bacharelado em Língua e Literatura Portuguesas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1977), graduação em Pedagogia pela Universidade Católica de Santos (1986), mestrado em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (2002) e doutorado em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão Escolar, atuando principalmente em gestão escolar, reorientação curricular, formação de professores e desenvolvimento profissional do professor.

O tempo, para mim, era de estudo: eu cursava a pós-graduação *stricto sensu* na ECA – Escola de Comunicações e Arte da USP – Universidade de São Paulo. Fiz esta escolha porque sempre me intrigara a organização imposta para os jornais. Eu queria saber como era possível publicar diariamente tantas notícias, se na escola não se conseguia sequer que os professores comparecessem ao trabalho... O que importa é que eu deslumbrava novos horizontes.

Naturalmente, ao ingressar no cargo de diretor de escola, a exemplo do que ocorre com muitos e muitas, rapidamente percebi que meus planos eram um tanto ambiciosos, e que as questões pedagógicas diante das terríveis demandas, acabariam por ocupar uma posição desprestigiada. Embora eu já tivesse ocupado função relacionada à coordenação pedagógica, tanto em escola pública quanto em particular, trabalhando muito próxima à direção dessas escolas, eu jamais havia percebido o que significava assumir a responsabilidade por tudo e por todos os presentes na escola.

O primeiro e maior susto ocorreu com a temida prestação de contas. Eu, que nem cartão de crédito tinha, passei a administrar contas bancárias, orçamentos, verbas e tudo o que se relacionasse com questões financeiras. Não sei se é bom ou ruim ser tão cautelosa com o dinheiro, mas sempre fui. Também sempre observei rigorosamente a legislação. O resultado disso era uma eterna preocupação, pois ao chegar à escola, também me deparei com contas que não fechavam; com dívidas que eu não contraíra mas que certamente deveria dar um jeito de pagar... Para agravar a situação, a legislação destinava-se a determinadas despesas, mesmo que elas não fossem necessárias. Vale dizer que com uma determinada verba destinada a comprar material permanente, como por exemplo, grampeador de papel, não se podia comprar papel sulfite ou papel higiênico, mesmo que isso faltasse na escola. Assim, o primeiro passo foi tentar realizar uma previsão de gastos com cada um dos itens necessários à escola, para distribuir as verbas, respeitados seus valores e sua periodicidade. Diferentemente do que todos imaginam, o dinheiro chega às escolas periodicamente, e não exatamente quando é necessário gastar com algum reparo, por exemplo. Esta foi a minha primeira e longa lição na direção: como executar o milagre da manutenção da escola.



Edição Especial

As questões financeiras sempre foram para mim muito árduas. Felizmente, a legislação previa as chamadas instituições auxiliares que eram o Conselho de Escola, a Associação de Pais e Mestres e o Grêmio que estariam sempre comigo nessa missão dolorosa. Precisava tê-los ao meu lado, e isso aconteceu durante toda a minha gestão.

Então, eu vivia em função desse problema e de muitos outros, que na condição de coordenadora pedagógica nunca havia experimentado: não havia água na escola; era preciso atribuir aulas durante todo o ano, pois o entra e sai de professores era algo nunca suposto; tinha que conferir e expedir históricos escolares e documentos; tinha que construir a calçada, pois a verba já estava quase sendo recolhida; havia ainda a licitação da cantina; seleção da zeladoria... Naturalmente, isso e muito mais, ao mesmo tempo em que a Diretoria de Ensino requisitava presença e ações sem parar.

Como não poderia ser diferente, arrendi-me amargamente da minha escolha, e ainda mais quando pensava que eu estava ali por minha livre e espontânea vontade! Ninguém jamais me pressionara para que eu ingressasse na direção da escola. É verdade que quando eu nasci, minha mãe era diretora de escola pública e estadual, mas daí a atribuir a minha opção à hereditariedade, seria muito! Então fui esmorecendo e me entregando à insuportável rotina, em cujo desenvolvimento havia lugar para uma única esperança: a da aposentadoria.

Meu começo na direção da escola não foi dos melhores. Logo eu que havia sido uma coordenadora pedagógica tão dinâmica! Nem lembrava mais dos professores queridos com quem trabalhara sempre em uma equipe bem consolidada. Não me lembrava mais de ter participado ativamente de avaliações institucionais, nem da elaboração de projetos políticos pedagógicos bem sucedidos... Estava entregue ao frenesi do dia a dia, sem nenhuma ilusão de que aquele estado de coisas poderia se alterar.

Eu era parte de uma equipe gestora, à qual também pertenciam a vice-diretora e a professora coordenadora. A vice, como era chamada, era uma mulher ruiva, enorme e brava. Muito brava. Todos tinham medo dela. A coordenadora, como também era chamada, era pequenina e adorada pelos alunos. Embora eu não fosse dada a fofocas,

havia sempre alguém me alertando sobre a vontade da coordenadora tornar-se vice. Íamos com essa equipe até que a vice começou a faltar muito. Trazia atestados médicos, mas a escola, por meio de seus representantes nas tais instituições auxiliares, reclamava dessa ausência.

A escola era bonita. Tinha nas paredes uma extensa faixa pintada de amarelo pastel sobre fundo branco e as portas cor de laranja. Cores alegres que não refletiam o meu estado de pavor: a janela da sala da direção dava para um beco escuro. Tudo ali me parecia muito perigoso. Eu me sentava de costas para esse beco e passava o tempo todo aguardando uma bala perdida na cabeça.

Um dia, na hora do almoço, entrou a secretária aos berros. Ela também era enorme e tinha voz de soprano! Vinha no ônibus com muitos alunos de outras comunidades. Quando o ônibus parou no ponto, os alunos da nossa comunidade, munidos de paus e pedras invadiram o ônibus para impedir que aqueles alunos desembarcassem. Vendo que a secretária corria para dentro da escola, os alunos agressores correram também para tentar impedi-la. Começaram a pular o muro em uma cena aterrorizante, agravada pelos gritos daquele mulherão.

E eu ali, de costas para o beco, pensei: o que eu faço agora? Ouvi a voz esganiçada do professor de Artes que grudou na porta de entrada próxima à minha sala, como um mártir:

- Aqui ninguém entra! Aqui ninguém entra!

O motorista do ônibus fechou a porta e os perseguidos ficaram lá dentro. Quando os invasores desapareceram, estranhando a coragem e os urros do professor, escoltamos os assustadíssimos jovens que haviam permanecido no ônibus até a escola. Lá estavam em segurança.

Como não poderia deixar de ser, precisei ir embora, pois sempre precisei me organizar para trabalhar em mais de uma escola: vida de professor. Do carro, fui instruindo a vice-ruiva a preparar uma convocação para o Conselho de Escola, pois a situação era tão grave que não poderíamos agir sozinhas. Eu ditava o texto da



convocação pelo celular com a voz trêmula e o coração disparado. Nesse tempo, não havia impedimento para se usar o celular ao volante.

Quando cheguei à outra escola, em que felizmente eu era a coordenadora pedagógica animada, a equipe já estava acomodada em círculo, para uma reunião com a diretora. Sentei-me na cadeira reservada para mim e olhei para o chão. Eu vi, então, sobre o peito de um dos meus pés, a sola da sandália que eu estava usando. As tiras ficaram sob a sola do pé. Enfrentara tamanha tensão que não senti o desconforto de ter que pisar sobre as tiras nem o de ter um dos pés imobilizado pelo volume da sola. O outro pé estava descalço.

No dia seguinte, cedinho, reunimos o Conselho de Escola para dividir a nossa aflição e fazer propostas. Alguns pais sugeriram que os alunos só vestissem a camiseta da escola ao entrarem nela. Nada de identificação pela rua. Sabe-se muito bem que a camiseta além de padronizar, identifica. Então eu era a diretora de uma escola cujos alunos não podiam ser identificados, para não se exporem a risco! Tivemos ideia de tentar integrar alunos novos e velhos, com um show de talentos, no recreio do período da manhã. Levamos a ideia adiante, mas não houve inscritos: todos temiam a vice-ruiva. Resolveram não se arriscar.

Então voltou a rotina. O beco ameaçador atrás da minha cadeira e quase que diariamente um chumaço de cabelo sobre a minha mesa, em consequência de uma briga no pátio. E, é claro, sempre a questão do dinheiro que não vinha e da prestação de contas que não fechava.

Troquei a vice-ruiva por uma, muito boazinha, que já fora vice nessa escola. O Conselho de Escola que conhecia a vice-boazinha muito mais do que eu que era recém-chegada aprovou a sua indicação. Tudo ia bem até a vice-boazinha precisar levar a filhinha de três anos para a escola, diariamente. A menina ainda mamava no peito. Aquilo foi o caos de reclamações. Antes do Conselho Tutelar ser alertado sobre a impropriedade do ambiente para aquela criancinha, destituí a vice-boazinha. Chamava-se cessar a designação, esse ato. Fiz isso na minha sala, de costas para o beco e de frente



Edição Especial

para uma mãe que amamentava a sua filhinha. Senti-me muito mal, acusando-me a mim própria de falta de sensibilidade.

Tudo ia mal e a aposentadoria parecia uma miragem. O ano 2000 entrou, o mundo não acabou como alguns supunham, na época. O que havia acabado era só o Ensino Fundamental. Enfim, tínhamos uma escola de Ensino Médio. Uma escola meio minguada, mas só de Ensino Médio.

A Diretoria de Ensino, como de costume, invocando e convocando sem parar! Obediente e cumpridora da lei e dos meus deveres fui pingando fogo e convocada, participar de uma formação de gestores em Botucatu. Nada me animava. Quanto mais tentavam me ensinar a prestar contas, mais eu me irritava e mais eu reduzia a minha tarefa à de um contador, até que um dia...

O assunto era projeto pedagógico. Voltei a descobrir que conduzir a elaboração do projeto político-pedagógico da escola era atribuição do diretor da escola. E eu, que já construía com equipes gestoras e de professores dois projetos dessa natureza, no meio daquela montanha de serviços burocráticos, já não me dava mais conta de que eu ainda tinha tanto a fazer. Só que dessa vez, esse tanto era especialmente agradável e familiar. Enfim, havia aparecido uma coisa que eu de fato sabia fazer.

Sem falsa modéstia, acabei por me revelar na tal formação de gestores. Eu era imbatível nas discussões. Dominava até os teóricos do assunto! Dei tantos palpites que até me convidaram para ser formadora naquele programa! Não fui. Tomei a melhor decisão da minha carreira: ia criar com a minha equipe o projeto político pedagógico da escola.

Voltei e arrumei a minha equipe. Saiu a vice-boazinha e no seu lugar, ficou a ambiciosa coordenadora-pequenina-e-adorada. Faltava um coordenador. Havia na escola um professor especialmente dedicado, sociólogo. Esse professor, não sei por que cargas d'água, desentendeu-se com um aluno e acabou por dar um empurrão nesse aluno e também uma reguada. A nova vice-pequenina-e-adorada alertou-me, ligando para a minha casa, à noite:

- Prepara a sua manhã de amanhã porque o pai do aluno peralta está bêbado aqui, na porta da escola, dizendo que vai “pegar” você e o professor de Sociologia.

Felizmente, a noite foi boa companhia para o embriagado e para quem iria conversar com ele... O dia amanheceu e eu fui enfrentar a fera. Eu já tinha um discurso preparado, pois a única coisa que eu fazia incessantemente era resolver problemas. Então, depois das boas-vindas, de acomodá-lo em minha sala, de ouvir todos os desaforos do mundo e de oferecer um café, eu comecei:

- Que bom que o senhor veio nos procurar para esclarecermos o que aconteceu! É verdade sim, que o seu filho foi vítima da exaltação do professor. Com certeza ele já deve ter contado ao senhor por que o professor ficou tão exaltado. (Ele não havia contado o que tinha feito para provocar a ira do professor.) Mas isso não importa, agora. O que importa é a certeza de que as intenções do professor sempre foram as melhores. Mesmo que ele não tenha conseguido a melhor forma de se expressar, o que é possível para todos nós, pois como humanos não somos infalíveis, a intenção do professor era inequívoca: ele precisava conter o seu menino para continuar a trabalhar com o restante dos alunos da classe... Mas, esse mesmo professor está pronto para se reabilitar, pedir desculpas ao senhor e ao seu menino, e oferecer o seu abraço.

Nesse exato momento, o professor entrou na minha sala com os braços abertos e com um largo e franco sorriso no rosto. A resposta do pai já bem mais calmo e do aluno peralta foi a mesma. Ambos se levantaram para abraçar o professor. Esse professor-de-Sociologia foi o que escolhi para coordenador.

O Conselho de Escola aprovou as minhas opções. Então começamos a estudar juntos. Foi um dos grandes momentos das nossas vidas, pois passamos a falar a mesma língua, a desejar as mesmas coisas para os nossos alunos, e apesar das discordâncias e muitas brigas, às sextas-feiras, no finalzinho do período noturno, ainda tínhamos ânimo, e muito, para permanecer na escola avaliando a semana que se encerrava e discutindo as ações a serem desenvolvidas na semana seguinte.



O projeto político pedagógico que foi batizado de Construindo Paradigmas e foi consolidado pelo apoio das instituições auxiliares, sempre ao nosso lado, para criticar, alertar, participar, aprovar... Então, o trabalho burocrático que a essa altura eu já dominava, passou pesar menos, pois eu passei a ter um motivo muito importante para comparecer ao trabalho e me entregar totalmente a ele: a escola.

A escola não se apresentava mais segmentada. Era um todo coeso que se articulava pelas diversas dimensões da gestão: patrimonial, financeira, pedagógica, de pessoas... Criamos uma escola tão diferenciada que na época chegamos a chamar atenção de uma universidade de cidade vizinha, da prefeitura local, da Secretaria de Estado da Educação e do MEC. E foi nesse clima de produtividade que enfrentamos novos desafios.

Quando finalmente conseguimos permanecer com o Ensino Médio, fui chamada à Diretoria de Ensino para me informarem que uma escola próxima teria suas atividades encerradas. Era uma escola de Ensino Fundamental. Os alunos, os funcionários, os professores e todo o mobiliário seriam transferidos para a nossa escola. Vale dizer que nem havíamos nos libertado do Ensino Fundamental e ele batia novamente à nossa porta.

A mudança foi trabalhosa. Praticamente todo o equipamento de informática e o mobiliário de escritório da sala da direção foram transportados no meu carro. A equipe de carregadores era composta pela vice-pequenina-e-adorada e por mim. O coordenador-professor-de-Sociologia estava ocupado com um projeto da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo denominado Escola de Verão. Fora criado para atender os alunos que não tinham obtido sucesso no decorrer do ano letivo. Tratava-se de um período de recuperação intensiva no mês de janeiro.

As escolas que eu conhecia, no período da tarde, cheias de classes de Ensino Fundamental, pareciam barris de pólvora, prestes a explodir. O barulho e o calor que emanavam era sempre infernal. Os professores faltavam muito, ou por que não aguentavam a cansaça ou por que ficavam doentes. Então, nós nos apressamos em preparar uma recepção para aquelas crianças. Nossa recepção acabou por compor o



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Edição Especial

Construindo Paradigmas. Era um projeto arrojado, como nunca tínhamos visto nenhum. Importante retomar minha condição de destemida aluna do pós-graduação da Escola de Comunicações e Arte – ECA, da USP. Para mim, não havia limites. O limite era a legislação, mas como o momento era de inventividade e os projetos políticos pedagógicos eram incentivados, a legislação sustentava tudo o que elaborávamos. Rapidamente a escola se projetou.

Quando chega o final do ano, os alunos das escolas públicas são distribuídos. Aqueles que concluem a Educação Infantil e o primeiro ano do Ensino Fundamental são transferidos para as escolas de Ensino Fundamental mais próximas de suas casas. Os que concluem as séries iniciais do Ensino Fundamental em escolas que não oferecem as séries finais também são encaminhados para que terminem seu curso. O mesmo ocorre com os alunos que concluem o Ensino Fundamental em escolas que não possuem o Ensino Médio. Esses são transferidos para as escolas de Ensino Médio. Trata-se de um trabalho gigantesco efetuado pelo Setor de Planejamento das Diretorias de Ensino. Assim sendo, então, além de recebermos alunos oriundos da escola que encerrara as suas atividades, ainda receberíamos alunos da Escola de Educação Infantil vizinha, e entre eles, um PC. Eu não sabia o que era PC.

Preparamos um roteiro para a visita de nossos futuros pequenos alunos. Tratava-se de uma excursão pela escola toda, uma brincadeira no pátio e um lanche preparado pelas nossas merendeiras, sempre muito caprichosas. Nunca faltou salsicha para um delicioso cachorro quente, na nossa merenda!

O dia da visita chegou, então fomos, a vice-pequenina-e-adorada e eu, para a mesma porta outrora ameaçada pela terrível invasão, aguardar as crianças. Quando a campainha tocou e a porta se abriu, entraram primeiramente as professoras, acompanhadas de um menino em uma cadeira de rodas. Olhei de relance para a cadeira de rodas e pensei que aquele deveria ser o tal PC. Pensei que PC tivesse a ver com acometimento das pernas... Então, eu toda metida a anfitriã, depois de cumprimentar as professoras, debrucei-me sobre o menino para lhe dar um beijo. Então vi que ele não coordenava os braços que ficavam balançando sobre a sua cabeça e também não

sustentava a cabeça. E não falava; só babava. Em um segundo, não sabia mais o que fazer com aquele menino de dezoito anos. Não desisti do beijo. Tão logo ele recebeu o meu cumprimento, começou a se sacudir fortemente. Parecia que ia cair. Eu fiquei apavorada, imaginando que tipo de mal eu havia feito a ele, que pudesse provocar aquela reação. Sem estampar qualquer emoção, fiquei preocupadíssima e a visita daquelas crianças, para mim, resumiu-se a observar aquele menino. Eu estava realmente muito impressionada.

As crianças e as professoras comportavam-se com naturalidade, então eu tentava imitá-las, sem deixar transparecer para a vice-pequenina-e-adorada que eu estava completamente transtornada. Quando fomos apresentar às crianças a aula na Sala de Informática, que era muito bonita e bem cuidada, mostrei ao meu menino (já estava começando a tomar posse dele) que as imagens que apareciam nos monitores dos computadores também apareciam em uma televisão enorme que havia lá. De novo ele começou a se sacudir intensamente. Dessa vez eu tinha certeza de que não lhe tinha feito nenhum mal... Então, arrisquei uma interpretação: ele se sacode quando gosta do que está acontecendo! As professoras confirmaram minha hipótese.

Fiquei observando-o na hora do lanche e descobri que ele não comia sozinho. Havia um funcionário da escola de onde ele provinha que empurrava a cadeira, acompanhava-o ao banheiro e dava-lhe a comida na boca. Tudo o que eu via me apavorava, pois pensava no que aconteceria a ele na nossa escola, sem aquele funcionário... O último local visitado foi a quadra de esportes. Encontramos lá o zelador da escola. Apresentei-o ao meu-menino. O zelador, com muita naturalidade, literalmente caçou o bracinho que não parava de se mexer e apertou fortemente aquela mãozinha semifechada.

Daí por diante, nossos olhos voltaram-se para a inclusão. Chamamos os pais do meu-menino para uma conversa informal em que expusemos todas as nossas limitações. Soubemos que havia sido oferecida uma vaga em escola pública municipal que os pais recusaram por preferirem a nossa. É verdade que a escola brilhava, mas não tínhamos nem teríamos recursos para oferecer o que ele já conquistara na escola municipal. Os



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Edição Especial

pais foram taxativos: queriam que ele acompanhasse os amigos. Diante deste argumento, não havia mais o que discutir. Meu-menino foi matriculado.

Nós, o coordenador-professor-de-Sociologia, a vice-pequenina-e-adorada e eu grudamos na professora da escola anterior, nos pais, nos nossos professores e funcionários e, principalmente, no meu-menino, para tentar descobrir o que seria necessário para que ele conseguisse se desenvolver na nossa escola.

Nossa primeira reunião foi definitiva: tiramos meu-menino da cadeira, pusemos no chão e do chão de volta para a cadeira. Nenhum de nós tinha tido um contato anterior com a paralisia cerebral. Estávamos todos aprendendo. Meu-menino sabia ler!!!! Ele tinha um quadro com todas as letras do alfabeto, números e sinais diversos. Sua comunicação era realizada apontando com dificuldade aqueles sinais. A professora da escola anterior estava tão acostumada com ele que não percebia a nossa terrível ansiedade para tentar entender como se efetuava o processo de aprendizagem ali.

Na primeira semana de aulas a mãe de meu-menino permaneceu na sala de aula, junto a ele, para mostrar a todos quais eram as suas necessidades. Na segunda semana, a mãe permaneceu por todo o período na Sala da Direção, e, daí por diante, em casa, em uma espécie de plantão que nunca foi acionado.

Hávamos organizado, na escola, salas-ambiente para todas as disciplinas. Eram salas pelas quais os alunos é que circulavam. Os professores eram praticamente os donos de suas salas equipadas com bibliotecas temáticas. A Sala de Vídeo, a Sala de Leitura e a Sala de Informática localizavam-se no pavimento superior do prédio escolar. Como não tínhamos o funcionário que se responsabilizava pela cadeira de rodas, estes espaços tornaram-se inacessíveis para o meu-menino. Então, ambientamos uma sala especialmente para a turma dele, com uma lousa que ocupava a parede inteira, biblioteca com títulos de todas as disciplinas, televisão e videocassete (Era o que se usava!). As atividades de Informática ele realizava no computador instalado na sala da Direção. Na sua turma havia somente 20 alunos, fruto de uma queda de braço com o Setor de Planejamento da Diretoria de Ensino.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Edição Especial

Para levá-lo ao banheiro, escalaram-se (É isso mesmo: escalaram-se espontaneamente.) um professor eventual (como eram chamados os professores substitutos nas escolas públicas estaduais de São Paulo), o zelador e o coordenador-professor de Sociologia. Para a alimentação, ofereceram-se uma servente-que-havia-morado-na-Suíça e uma merendeira-generosa-e-simpática.

Os alunos se revezavam para ajudá-lo a retirar e a guardar seu material na mochila. Os professores admiravam-se com o seu empenho e seu interesse. Até uma horta portátil foi providenciada para que ele pudesse participar dessa atividade curricular. Na aula de Informática, na sala da Direção, ficou combinado que ele escreveria a sua história, para lançarmos um livro. Eu já não temia os braços descoordenados. Pelo contrário, cercava-os com os meus braços para tentar diminuir os movimentos aleatórios, a fim de aproveitar melhor os movimentos de meu-menino para tocar o teclado do computador. Todos empurravam a cadeira.

Penso que meu-menino foi muito feliz ali, conosco. Dançou quadrilha, jogou bola, caiu da cadeira, participou de todas as atividades promovidas. Um dia ele brigou com um colega na sala de aula. Como não poderia ser diferente, ele e o colega foram encaminhados para a minha sala. Fiz a pergunta clássica:

- O que é que vocês deveriam estar fazendo e não estavam, na hora da briga?

Pensaram no assunto e tentaram lembrar o que estava acontecendo na aula. Perceberam que deveriam recuperar o que haviam perdido e se comprometeram comigo a tomar essa providência. Ainda ouviram um sermão horrível sobre a amizade, levaram uma bronca, fizeram as pazes com aperto de mão e tudo e voltaram para a classe aliviados e felizes. Meu-menino estava radiante por ter ido parar na diretoria!

A presença de meu-menino provocou um movimento importante para a nossa escola, referente à inclusão. Conseguimos até um elevador para o prédio. Foi rompida uma barreira enorme para que outras crianças com deficiência fossem recebidas. Quando deixei a escola para ingressar em novo cargo, meu-menino já estava até “paquerando”, de pernas cruzadas, boné e óculos escuros.



Edição Especial

Escolhi esta passagem para contar, pensando nos futuros gestores preparados pelo nosso curso de Pedagogia. Serão muitos os desafios e maiores ainda, as dificuldades. Então, para responder aos desafios e contornar as dificuldades, penso que a única saída é grudar em todos, inclusive nos seus sonhos. Em todos, sem exceção.

Mais sobre essa história pode-se encontrar na página 127 de uma publicação de 2009 da Fundação Telefonica, em São Paulo, denominada Causos do ECA: sua história é a nossa história!: O Estatuto da Criança e do Adolescente no cotidiano, com desenhos Beth Kok, disponível em

http://www.yasni.info/ext.php?url=http%3A%2F%2Fwww.promenino.org.br%2FPortal%2F0%2FBiblioteca%2FPDF%2FCausos_do%2520ECA_5.pdf&name=Zoreima+Alves+Pilatti&showads=1&lc=pt-pt&lg=pt&rg=br&rip=br&bw=1

Trata-se de um texto que a vice-pequenina-e-adorada criou e inscreveu no 5º Concurso de Causos do ECA. O texto foi finalista.



Eliana Nardelli de Camargo

Licenciada em Língua e Literatura Portuguesas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1977), bacharelado em Língua e Literatura Portuguesas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1977), graduação em Pedagogia pela Universidade Católica de Santos (1986), mestrado em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (2002) e doutorado em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão Escolar, atuando principalmente em gestão escolar, reorientação curricular, formação de professores e desenvolvimento profissional do professor.

Para citar este trabalho:

CAMARGO, Eliana Nardelli; **Inclusão: um caminho possível**; *Ágora – Revista Acadêmica de Formação de Professores*; Unimes Virtual. Edição Especial – Abril/2015 . Disponível em:

<http://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=formacao>